

ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CARTAS PEDAGÓGICAS E AS TEORIAS DE JOHN DEWEY

Art teaching in early Childhood Education:
Pedagogical Letters and the theories of John Dewey

 **Regina Ridão Ribeiro Conde de Paula**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5098-2004>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Contato: reginaridão@gmail.com

 **Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8619-7558>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Contato: ematpaula@uem.br

 **Fabiane Freire França**

ORCID: <https://lattes.cnpq.br/8009677334152001>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Contato: ffranca@uem.br

 **João Paulo Baliscei**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8752-244X>

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Contato: jpbaliscei@uem.br

Resumo: Esse artigo reúne prospecções sobre o ensino de arte na Educação Infantil, a partir de reflexões sobre as contribuições do filósofo americano John Dewey (1859-1952) e de narrativas (auto)biográficas escritas, em duas Cartas Pedagógicas, por professores/as e pesquisadores/as sobre sua práxis no campo das artes e suas relações com a Educação Infantil. Uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, com a participação de um professor e uma professora de arte, realizada entre os anos de 2023 e 2024. Em vista disso, problematizamos: repensar o ensino de arte, e os processos criativos na Educação Infantil juntamente aos conceitos de John Dewey, pode contribuir para o Ensino de Arte com crianças nos dias atuais? De modo a levantar possíveis reflexões em torno da nossa pergunta principal, tem-se como objetivo geral identificar contribuições sobre arte, experiência e democracia para a Educação Infantil a partir das narrativas (auto)biográficas escritas em Cartas Pedagógicas e das contribuições de John Dewey. Os resultados mostraram que a pesquisa contribui no entendimento de que a arte ainda precisa avançar em termos de exploração e processos criativos nos espaços da Educação Infantil. Nas narrativas das Cartas Pedagógicas identificamos as possibilidades e os desafios no ensino de arte

para crianças da Educação Infantil. Foi possível considerar que a arte, tal como se apresenta nesses espaços, é necessária.

Palavras-chave: arte-educação; carta pedagógica; docência; John Dewey.

Abstract: This article gathers prospects on art education in Early Childhood Education, based on reflections on the contributions of the American philosopher John Dewey (1859-1952) and (auto)biographical narratives written in two Pedagogical Letters by teachers and researchers about their praxis in the field of arts and its relationships with Early Childhood Education. A qualitative field research, with the participation of one male and one female art teacher, carried out between the years 2023 and 2024. In view of this, we problematize: rethinking art education, and the creative processes in Early Childhood Education together with John Dewey's concepts, can it contribute to Art Education with children nowadays? In order to raise possible reflections around our main question, the general objective is to identify contributions on art, experience, and democracy for Early Childhood Education based on the (auto)biographical narratives written in Pedagogical Letters and the contributions of John Dewey. The results showed that the research contributes to the understanding that art still needs to advance in terms of exploration and creative processes in Early Childhood Education spaces. In the narratives of the Pedagogical Letters, we identified the possibilities and challenges in teaching art to children in Early Childhood Education. It was possible to consider that art, as it is presented in these spaces, is necessary.

Keywords: art education; pedagogical letter; teaching; John Dewey.

Introdução

Ao longo dos anos, na Educação Básica, os campos de conhecimento vêm sendo subdivididos em disciplinas. No entanto, levantam-se problemáticas/questões em torno dessa definição, para que o conhecimento não seja engessado em um viés disciplinar inclusive na Educação Infantil. Consideramos a transdisciplinaridade, que permite contemplar a criança em sua integralidade, pois nessa primeira etapa da Educação Básica, dividir o conhecimento em disciplinas se torna ainda mais problemático, já que se trata de um atendimento para crianças.

A criança na Educação Infantil não é um/a aluno/a exclusivamente, mas considera-se que os conhecimentos e aprendizagens para elas/es englobam uma dimensão de mundo ainda mais ampla, composta tanto pelos cuidados básicos até os conhecimentos historicamente acumulados e perpassados socialmente. Portanto, sempre que, nesta pesquisa, forem feitas referências à área de conhecimento da arte, essa área alude à junção de conhecimentos desse determinado saber, mas não o encaixota em um viés disciplinar – e muito menos único –, dado seu caráter transdisciplinar.

Esse artigo tem como tema o ensino de arte na Educação Infantil, no qual reunimos, contribuições sobre a arte na Educação Infantil, a partir de reflexões sobre as contribuições das narrativas escritas em Cartas Pedagógicas entrelaçadas as do filósofo americano John Dewey (1859-1952). Trata-se de um desdobramento da dissertação de mestrado de Paula (2023), intitulada¹ *Narrativas em Cartas Pedagógicas sobre o ensino*

¹ Pesquisa financiada pela Capes 001, com parecer favorável do Comitê de Ética, parecer nº 5.710.120.

de arte na educação infantil: miragens de um carrossel, e de uma tese de doutorado em andamento, intitulada *Cartas Pedagógicas de professoras artistas: contribuições da arte-educação em espaços de ensino*², ambas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPE, na Universidade Estadual de Maringá – UEM.

A realização da dissertação de mestrado e a escrita de uma tese de doutorado em andamento, culminaram, como era de se esperar, na formulação de várias perguntas. Dentre essas questões, destaca-se a que orienta este estudo como problema de pesquisa: Repensar o ensino de arte, e os processos criativos na Educação Infantil nas narrativas de *Cartas Pedagógicas* juntamente aos conceitos de John Dewey, pode contribuir para o Ensino de Arte com crianças no contexto atual? De modo a levantar possíveis reflexões em torno da nossa pergunta, objetivamos: Identificar contribuições sobre arte, experiência e democracia para a Educação Infantil por meio das narrativas (auto)biográficas escritas em *Cartas Pedagógicas* e das contribuições de John Dewey.

Na intenção de relacionar o contexto atual com as reflexões empregadas no passado, sobretudo as de John Dewey, nesta pesquisa são apresentados trechos das narrativas enviadas por um professor e uma professora, ambos participantes da pesquisa de mestrado já mencionada. Participaram do estudo uma professora da rede municipal, identificada pelo pseudônimo Girassol, atuante na Educação Infantil no município de Chapecó, estado de Santa Catarina, e um professor universitário do estado do Paraná, atuante no município de Maringá, identificado pelo pseudônimo Di Cavalcanti, pesquisador na área de arte-educação. Reiteramos que dentre os/as 7 participantes da pesquisa, neste artigo, especificamente, realizamos um recorte teórico, que contemplou 2 deles/as, devido suas escritas se aproximarem do tema proposto neste estudo.

A metodologia investigativa configura-se como uma pesquisa qualitativa com narrativas (auto)biográficas, articulada a uma Pesquisa de Campo que utiliza como instrumento as *Cartas Pedagógicas*, realizada no mestrado supracitado. Para melhor organização do texto, para além dessa introdução e das considerações finais, esse artigo está dividido em dois momentos subsequentes: o primeiro momento consiste em identificar o que aqui compreendemos como arte e suas relações com a docência na Educação Infantil. O segundo apresenta narrativas escritas em *Cartas Pedagógicas* por dois participantes da pesquisa: uma professora da Educação Infantil e um professor universitário, que contribuíram com a dissertação de Paula (2023), na qual elaboraram suas narrativas (auto)biográficas. Ao relatarem suas vivências na atualidade, suscitaram reflexões que articulam o tempo presente e o passado, em diálogo com o pensamento de John Dewey.

²Pesquisa financada pela Fundação Araucária, e aprovada no Comitê de Ética, parecer nº 7.740.221.

Ensino de arte na Educação Infantil: De qual arte estamos falando?

Para compreender o que colocamos como uma identificação de “arte” na Educação Infantil, consideramos que as reflexões em torno dela envolvem memórias e histórias, e essas memórias e histórias exaltam alguns lugares em específico (os quais conseguimos alcançar) e se distanciam de outros. Ana Mae Barbosa (1936 --), é uma arte-educadora brasileira, que reúne estudos sobre arte-educação ao longo dos séculos XX e XI. A educadora reflete sobre os modos de fazer arte, fortalece e fomenta a arte-educação, e considera os espaços de ensino formais e informais. Em *Ensino da arte: Memória e história*, Barbosa (2011, p. 1) levanta nuances sobre o tempo na arte e na vida, descreve que “Na arte e na vida memória e história são personagens do mesmo cenário temporal, mas cada uma se veste a seu modo”. Portanto, ainda nas palavras da autora, “A história intelectual e formal, usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança”.

Toda escolha de um caminho, compreende renunciar outro, e ao se tratar de arte, esses caminhos podem ser considerados controversos e ambíguos. Ainda assim, é precioso ter um olhar minucioso sobre a arte, pois todos os apagamentos históricos não ocorreram de maneira despreziosa, mas em muitos casos foram propositais e ainda planejados de modo a desvalorizar certos tipos de arte e marginalizar o que socialmente a seu tempo, era conveniente e necessário.

Segundo *Tópicos Utópicos* de Barbosa (1998, p. 13 e 14) a arte contribui para a formação de uma “identidade social”, e essa identidade social, nos países recém-independentes, tornou-se um objetivo a ser alcançado, pois a autora ressalta que a cultura desses países vinha sendo “[...] institucionalmente definida pelos poderes centrais metropolitanos e cuja história foi escrita pelos colonizadores”.

Para Barbosa (1998, p. 16) só é possível conhecer a cultura de um país, ao conhecer a sua arte. “A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante investimento para a identificação cultural e o desenvolvimento [...]” do país. Uma definição específica para o termo “arte” não daria conta de descrever o que realmente ela é. João Francisco Duarte Júnior (1991) no livro, *Por que arte-educação?* explica que a arte é um fenômeno em comum entre todas as culturas da terra, o que a distingue é o local e o tempo. E esse fenômeno não é exclusividade dos espaços museológicos ou educativos, ele está para além das caixinhas que tentam o definir, inclusive o de defini-la como um “fenômeno”, mas pode até ser plausível esse termo, dada a amplitude de significados que ele pode abranger.

Mesmo sem utilizar especificamente a palavra “arte”, todas as pessoas que se reúnem e constroem uma cultura, produzem manifestações do que aqui chamamos de

“arte”, de acordo com seu espaço e tempo. Relatos da história da arte apontam para manifestações da arte desde os tempos das cavernas. A arte pode ser encontrada desde as mais simples até as mais sofisticadas manifestações expressivas. “Toda arte se dá através de formas, sejam elas estáticas ou dinâmicas” (Duarte Júnior, 1991, p. 44). Para Duarte Júnior (1991), as formas estáticas de fazer arte podem ser consideradas: desenho, pintura e escultura dentre outras, já as formas de arte dinâmicas são as que se movimentam como: o cinema, a música, a dança, etc.

Diante do exposto, torna-se conflituoso o interesse em ensinar arte, inclusive na Educação Infantil, já que ela, a arte, não pode ser traduzida ou definida. Portanto, pode-se dizer que, com as crianças não se ensina “arte”, mas artifica-se o ensino, ou seja, considera-se os processos criativos, e o próprio ambiente de aprendizagem para que a arte se aproxime aos poucos dos infantes e venha a se tornar cada vez mais parte da vida deles. “De qual arte estamos falando, então?” E quais são suas possibilidades na Educação Infantil? Neste exercício, debater sobre o ensino de arte é um movimento de aproximação com os documentos curriculares, o que pode conferir ao seu ensino uma tendência disciplinar. Por essa razão, destaca-se que a intenção neste estudo não se reclinou para o lado disciplinar, mas considera a transdisciplinaridade no ensino de arte.

Sobre o termo “artificar o ensino” abordado nesta pesquisa, não identificamos, na literatura, um conceito clássico consolidado que corresponda diretamente ao que denominamos “artificalização do ensino”. Já que, ao usar essa terminologia, não nos referimos aos estudos abordados no campo da Sociologia da Arte, no qual julga-se o que é ou o que não é arte, e ainda, o processo de transformação de um objeto ou algo cultural em arte, conforme apresenta Beatriz Patriota Pereira (2022) em *O conceito de artificalização como transformação*.

Ao empregarmos a expressão “artificar o ensino”, consideramos a incorporação da arte ao processo educativo, aproximando-a dos princípios defendidos por John Dewey, Ana Mae Barbosa e Paulo Freire, sobretudo quando se referem à compreensão da arte como dimensão indissociável da vida. Nessa perspectiva, o ensino-aprendizagem é concebido como prática dialógica, criativa e emancipatória, que valoriza a expressão, a cultura e a autoria dos sujeitos envolvidos. Artificar o ensino consiste em um processo pedagógico intencional de incorporação de princípios estéticos, criativos e sensíveis ao ato educativo, no qual o ensino-aprendizagem é concebido como experiência expressiva, autoral e significativa. Trata-se de deslocar a prática educativa de um modelo predominantemente transmissivo e instrumental para uma abordagem que valoriza a imaginação, o lúdico, a subjetividade, a experimentação e a produção de sentidos, aliando-as ao fazer pedagógico, e ao experimento das linguagens e processos próprios da arte.

Nessa direção, ao artificar o ensino, reconhece-se o processo educativo como um fenômeno aberto, de modo semelhante ao que defende Duarte Júnior (1991, p. 45), considerando a arte como um fenômeno expressivo que obtém código aberto, “O sentido expressivo de uma obra de arte reside nela mesma, e não fora, como se ela fosse apenas um suporte para transportar um significado determinado”. Assim, Duarte Júnior (1991) explica que, diferentemente da linguagem escrita e falada, na arte, não existem sinônimos, pois não é possível traduzir uma obra em outra. Pensando nessa arte que está tão impregnada no cotidiano das pessoas, inclusive no das crianças, em uma arte de manifestações expressivas, construídas socialmente ao longo da humanidade, em torno dessas questões justapostas, são utilizados os pensamentos do filósofo norte-americano John Dewey.

Pensar o ensino de arte para crianças envolve reflexões em torno das visualidades e manifestações artísticas presentes no cotidiano das crianças da Educação Infantil. O ensino de arte pode ser contemplado de diferentes maneiras. Ele se apresenta, inclusive, nos modos como são desenvolvidas as atividades realizadas, no tempo disponível, nos materiais e recursos utilizados, nas referências apresentadas às crianças, sejam em forma de livros didáticos, literaturas infantis, filmes, figuras e brinquedos – e nas decorações das salas de aula, dos pátios, corredores e refeitórios, até mesmo nas roupas e nos artefatos que as crianças trazem de suas casas.

Pensar em todas as visualidades presentes no cotidiano das crianças é pensar, também, nos modos como elas veem e constroem o mundo. Regina Ridão Ribeiro de Paula e Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula (2023, p. 13) no artigo intitulado *Prospecções do ensino de arte na Educação Infantil: currículo, políticas públicas e suas aproximações com as práticas pedagógicas* destacam que “[...] a intenção não é a de apresentar uma fórmula pronta a ser executada, mas, justamente, compreender a educação como um movimento dinâmico que carece de ser repensado e transformado a partir das demandas de seu tempo”.

Na Educação Infantil, as representações gráficas das crianças, sejam elas com o uso de lápis, tinta na ponta dos dedos, papéis amassados, giz de cera, canetinhas, unificação de objetos, desenhos ou rabiscos com restos de alimentos, água e pequenos ciscos encontrados pelo chão, são expressões que subvertem os modos como os/as adultos/as tendem a jogar com as palavras, pois estes são diferentes das crianças, que buscam, em sua maioria, encontrar um significado, uma explicação.

Há uma necessidade por parte de alguns professores e algumas professoras, inclusive na Educação Infantil, de elucidarem, em palavras, o que a criança quis expressar com sua criação. Essa necessidade de elucidação, muitas vezes inconsciente, ainda que aprendida socialmente, coloca o/a professor/a em uma posição de expectativa prévia em relação à atividade da criança. Ter uma expectativa para a criação artística da

criança, pode direcionar as atividades com arte, delimitando-as a um espaço de criação, a cores específicas e a um tempo de elaboração preestabelecido – e tudo isso pode fazer com que a criança não consiga sozinha elaborar uma visualidade aceitável e esperada por parte de quem propõe a atividade. Nestes casos, o/a professor/a pega na mão da criança e faz a gravação da cor escolhida em um determinado local, sem permitir que a criança explore e experiencie o momento.

Normalmente, essas são atividades que resultaram em lembrancinhas de datas comemorativas estipuladas no calendário escolar. Uma escola precisa presar pelo aprender, mas do que tem velado por uma reprodução vazia, precisa, também, abandonar as obsessões por resultados, em detrimento do percurso e dos processos criativos. Essa é a construção de uma escola democrática, que guarda relação com o pensamento de Paulo Freire (2019, p. 17), no livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática da autonomia*, no qual relata acreditar que todos/as os/as envolvidos/as no ato de educar-aprender viessem a ter uma conscientização por eles e elas mesmos/as, “[...] sem coação ou imposição; na sua pedagogia questionadora, problematizadora, para estarem conscientes dos problemas que nos afligem [...]”.

Ensinar arte na Educação Infantil permite que as crianças aprendam a partir de seu contato com o mundo, ao envolver, nas atividades criativas, as visualidades, os pensamentos e as experimentações que partem de seus cotidianos, sem deixar de considerar a expansão dessas explorações, fazendo, também, o uso de diversas referências de seu tempo e de tempos passados, de suas culturas e de culturas outras. Sobre esse modo de aprender, ao considerar as maneiras como as crianças se expressam, é preciso ter sensibilidade ao compreender seus processos criativos – e aceitar que, em muitos casos, elas não corresponderão às expectativas dos/as professores/as, por isso, é importante a compreensão de que a arte não será o resultado de uma atividade, mas ela permeia o processo, ao se “artificar” o ensino.

Portanto, no ensino de arte com crianças, considera-se, também, o processo criativo, não que o/a professor/a não possa intervir no desenvolvimento das crianças, incentivando-as a alcançarem formas e modos que, sozinhas, elas não conseguiriam, “[...] não há vida sem intervenção, e a educadora, para cumprir bem seu trabalho tem que intervir, e a intervenção implica também em corrigir” (Freire, 2019, p. 53).

Mas, uma boa mediação, como defende Freire, deve ser permeada por uma intencionalidade educativa que ultrapasse estereótipos e construções preestabelecidas, pois estes podem vir a fragmentar o conhecimento, inclusive na arte, tencionando-a em livre espontaneísmo ou puro tecnicismo. A arte referida promove espaços inclusivos para diferentes crianças que coabitam em lugares próximos e, ao mesmo tempo, compartilham de culturas distintas. De modo a não classificar a arte em erudita e marginalizada, no exercício de não menosprezar as diferentes formas de fazer arte, esse debate guarda

relação com as inferências de Freire (2019, p. 54), aproximando-se de seus discursos sobre a distinção dos pensamentos do menino e da menina da classe popular, nos quais os/as professores/as não devem “[...] pretender que os meninos proletários, os meninos das favelas, não tenham o direito de dominar o chamado padrão culto; é interessante, se ele é culto é porque existe um que não é, eu me perguntaria: quem é que disse que o outro não é?”.

Freire (2019) se referia ao uso da linguagem falada e escrita, mas suas inferências podem ser também relacionadas ao campo das artes, ao considerar que os conhecimentos construídos socialmente ao longo da história são de direito de todas as pessoas. Ainda que possa existir, uma construção elitizada da arte, uma certa categorização entre arte “simples” e “sofisticada”, elitizada e popular, “primitiva” e “inovadora”, aproximando-se da citação de Freire, se alguém diz que arte é isso, quem diz que aquilo não pode ser arte? Essas e tantas outras considerações sobre o ensino de arte na Educação Infantil podem ser identificadas nas pesquisas de Dewey e nas Cartas Pedagógicas que serão exploradas e abordadas na próxima seção.

Cartas Pedagógicas: narrativas (auto)biográficas sobre arte-educação

A dissertação de Paula (2024, p. 85) defende o uso de Cartas Pedagógicas como ferramenta de pesquisa em textos acadêmicos. A autora aponta que esse instrumento metodológico suscita, por parte dos/as participantes, a “[...] intencionalidade em que Paulo Freire empenhou para que as cartas não fossem apenas papéis escritos, mas, sim, um diálogo autêntico e de cunho pedagógico”.

Paula (2023) utiliza as Cartas Pedagógicas como sua principal ferramenta de levantamento de dados. Ao descrever a metodologia, explica que esse levantamento pode ocorrer por meios digitais ou escritos. Suas características aproximam-se e afastam-se das características intrínsecas a outros métodos, como, por exemplo, a entrevista ou um formulário com perguntas pré determinadas, pois, ao passo que permite aos os/as participantes dialogarem sobre seus cotidianos bem como os métodos mencionados, ao mesmo tempo, carrega a potencialidade da narrativa (auto)biográfica, de uma escrita pensada, reformulada e comprometida com a verdade.

Ainda no esforço em apresentar as Cartas Pedagógicas, Paula (2024, p.88) reporta serem elas frutos de um legado freiriano, afirmando não ser possível delimitar essa configuração de escrita a um único conceito ou em uma fórmula pronta a ser aplicada. No entanto, os/as participantes precisam ter ciência de que essa escrita é baseada em Paulo Freire, e que o educador empenhou profunda intencionalidade em transformar seus escritos em um diálogo autêntico e não somente papéis escritos sem cunho pedagógico, ou seja, “O educador defendeu, em seus debates, discursos que beneficiam o diálogo.

Talvez, esse fosse seu maior intuito com a escrita de cartas, pois elas, para o educador, sugerem respostas, sejam escritas, faladas, vividas ou artistadas” (Paula, p. 86).

De modo a apresentar resultados provenientes do uso das Cartas Pedagógicas em pesquisas acadêmicas, na sequência seguimos essa escrita que entrelaça as narrativas (auto)biográficas aos estudos de John Dewey de modo a debater sobre os seguintes questionamentos: Quais são os impedimentos para que a arte chegue até as crianças da Educação Infantil? Existe uma maneira certa ou uma pessoa adequada para ensinar arte?

Não defendemos que apenas um/a professor/a perito/a em arte é quem pode explorar o ensino de arte com crianças do modo “certo”, já que o ensino de arte é performativo e cada professor/a tem seu modo de abordar a arte. Porém, se faz pertinente admitir que é preciso ter um repertório artístico, um conhecimento de diversas explorações e processos criativos, e um olhar crítico sobre a arte para conseguir trabalhá-la. Recai-se, então, na necessidade formativa, na consideração de processos formativos que habilitem os/as professores/as a questionarem constantemente seus modos de trabalhar arte e a buscarem incessantemente uma aproximação da arte com as crianças, visando contemplar seus modos de serem e estarem sendo no mundo.

Dewey, ao palestrar sobre assuntos afetos a educação, arte e cidadania, tem sua fala traduzida para a língua portuguesa no livro *John Dewey e o ensino da arte no Brasil* (Barbosa 2008), em um capítulo intitulado “Cultura e indústria na educação” (Dewey, 2008). Seus debates envolvem reflexões sobre uma escola que é permeada por pensamentos e processos instaurados pela cultura e a industrialização de maneira diretamente indireta. Dewey (2008, p. 24) considera que a ciência não pode ficar entre quatro paredes, e nem mesmo acreditar que a educação é independente dos negócios e da indústria, pois

Enquanto isso, inconsciente ou talvez conscientemente, por força de condições, ou mesmo intencionalmente, os ideais e métodos que controlam os negócios se apoderam do espírito e do mecanismo de nosso sistema educacional.

Segundo Dewey (2008) os negócios vêm sendo a força que domina a sociedade na atualidade, o que explica, por exemplo a evasão das escolas, pois, segundo o autor, “Estamos cientes de que nosso atual programa industrial requer um grande suprimento de mão-de-obra barata e não-especializada”.

As Cartas Pedagógicas, das quais aqui são apresentados os trechos (auto)biográficos, mostram e comprovam que na atualidade ainda existe nos espaços de ensino, muito do que Dewey (2008) questionou, e que assim como ele e Paulo Freire lutaram por uma educação democrática, continuamos nessa luta por um ensino de qualidade e, para todos/a.

As infâncias, a arte, a música e a vasta riqueza cultural de nosso querido Brasil não é de fato contemplado e trabalhado nos planejamentos e experiências realizadas na Educação Infantil. A precária formação docente, a falta de investimento econômico e a desvalorização dos trabalhadores educacionais do nosso país está cada dia mais crescente. Vemos com frequência realidades violentas, doentias dentro dos sistemas educacionais. A falta de suporte pedagógico, estrutural e econômico dentro dos espaços da Educação Infantil, beiram ao horror. O verbo esperar de nosso querido patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, é que nos faz continuar lutando e tentando fazer a pequena diferença no mundo pela educação em nosso cotidiano escolar (Girassol, 2023, sic trecho extraído da carta).

Desse modo, considera-se que o ensino de arte para crianças não é apenas concordar com a presença de desenhos, técnicas ou linguagens gráficas expressivas nos espaços da Educação Infantil, pois a arte vai muito além de técnicas ou livre expressão. Além das discussões sobre os conteúdos, e métodos de ensino, a fala da Girassol, deixa evidente as condições das quais os/as professores/as precisam enfrentar para exercerem suas funções. As dificuldades ainda são primárias, como a organização e disponibilidade dos espaços a serem utilizados para realização das atividades, além disso, a segurança dos prédios em uma sociedade violenta, também não consegue atingir a qualidade merecida pelas crianças.

A função da Arte na educação é promover uma educação na qual as pessoas tenham a arte como continuidade, buscando e dando sentido poético à vida. Ao pensar nessa arte transformadora para as crianças, a Carta Pedagógica de Girassol (2023) descreve que

A Educação Infantil ainda é vista de forma equivocada, como um tempo/espaço de cuidados e educação somente, e se esquece da formação integral do ser humano e se desenvolvimento junto a essa etapa de ensino. A arte é vilipendiada pelos poderes governantes, que potencializam currículos cheios de interesses conteudistas, econômicos e não há espaço para a exploração da criatividade, curiosidade, materiais e suportes artísticos, ateliês na Educação Infantil (Girassol).

A fala da participante Girassol guarda relação com o que Dewey considera como experiência. O livro *John Dewey* de Robert Brett Westbrook (2010, p. 34) apresenta o conceito de experiência defendido por Dewey, “[...] como um modo de existência da natureza, vemos que ele é real quanto tudo que é real. Poderíamos defini-la como reação que se processa entre dois elementos do cosmos, alterando-lhes, até certo ponto, a realidade.” Neste sentido, considerar o conhecimento que as crianças alcançam por meio de suas experiências é entender que o ato de ser e, estar sendo nesse mundo, configura ações que criam e transformam os pensamentos e sentimentos.

Para Dewey, segundo Westbrook (2010) existe um meio termo entre o romantismo e o pragmatismo educacional, o primeiro é um tipo de ensino que recai puramente na criança, e a toma como o centro das atenções, e o segundo, o pragmatismo educacional,

coloca o/a educador/a como alguém rigoroso, que ensina por meio de uma educação disciplinar, sendo a parte mais importante no ensino. O meio termo de Dewey, consiste em uma educação que requer que o educador/a explore os interesses e as tendências vividas pelas crianças, para assim orientá-las a chegarem no ápice de conhecimento em todas as matérias, a integralidade da criança, nos campos artísticos, científicos e históricos (Westbrook, 2010).

Portanto, é necessário o desenvolvimento de um programa que favoreça a experiência transformativa das/com crianças. Explorar com as crianças atividades que ainda não são de conhecimento delas, coadunam com o pensamento de que, “As disciplinas do programa ilustram a experiência acumulada pela humanidade e, por causa disso, aponta a experiência imatura da criança nessas atividades” (Westbrook, 2010, p. 17), deste modo, de forma programada o/a professor/a pode abordar o que ainda não era de conhecimento das crianças.

A arte, apesar de promover uma experiência inovadora e de poder proporcionar um desenvolvimento integral da criança, nas palavras do pesquisador participante da pesquisa:

[...] a Arte está e não está. Está, sim, na Base Nacional Comum Curricular e, portanto, nos currículos Municipais; está nos planos de aulas, e está, inclusive, nos cadernos, painéis e murais, escrita, graficamente, com suas quatro letras: A-R-T-E. Não está, contudo, na formação dos e das profissionais que, involuntariamente, assumem o compromisso de iniciar às crianças às práticas e às percepções artísticas. Dessa forma, será mesmo que está? Se esse é um conhecimento tão específico e complexo, debatido e disputado entre profissionais da área, quais as condições que alguém, sem formação e experiência em Arte, tem para ensinar sobre isso? Nesse contexto, - apesar de toda a boa vontade - é inevitável que se ensine a partir de parâmetros equivocados sobre o assunto, e que se considerem os saberes empíricos e superficiais que se têm sobre ele. As docentes da Educação Infantil – majoritariamente mulheres – baseiam-se em suas habilidades que, ao longo da vida, foram apontadas como “artísticas” e que requerem moldes, modelos, repetição e uma estética específica a qual, tradicionalmente (e talvez por isso), tem sido associada à Educação Infantil (Di Cavalcanti, 2023, sic trecho extraído da carta).

Como então abordar os saberes acumulados historicamente, se conforme infere o participante Di Cavalcanti (2023), o ensino de arte na Educação Infantil, em sua maior parte é raso, estereotipado e baseado em achismos, devido a pouca formação em arte de quem leciona? Esse debate, nos alerta sobre uma visão rasa da arte, que a configura como um conteúdo vazio e sem conhecimentos. Dewey pode elucidar esse ponto de vista, quando falando sobre democracia, apresenta que a arte não está para todos, que uma sociedade capitalista evidencia uma retórica democrática, mas em seus fundamentos separa a sociedade entre ricos e pobres, proletariados e burgueses. “Alunos serão educados no desempenho das artes somente o necessário para oferecer-lhes habilidade em apreciar os resultados do desempenho de outros” (Dewey, 2008 p. 25).

Para Dewey a prática não deve ser desassociada da teoria, existe na atualidade esforços para que ocorra uma unificação da prática com a teoria da arte, conforme podemos notar na fala de Di Cavalcanti,

Ainda que, historicamente, a Arte tenha sido tratada como uma área “erudita” e acessada e celebrada por grupos hegemônicos e abastados, hoje em dia há, de maneiras mais nítidas, não só uma maior oferta de experiências gratuitas com Arte, como também uma compreensão que amplia os significados daquilo que pode ser considerado artístico (Di Cavalcanti, 2023, sic trecho extraído da carta).

No entanto, nem toda sociedade está preparada para receber e conviver com a arte de maneira mais próxima. Mais uma vez, a escrita de Di Cavalcanti nos revela fatos históricos que comprovam o distanciamento de alguns cidadãos brasileiros e a arte

Os acontecimentos recentes, vivenciados em Brasília, quando um grupo de pessoas adultas e sãs – muitas delas funcionárias públicas, inclusive – invadiram os prédios três poderes, indicam aquilo que se pensa sobre a Arte no Brasil. Na ocasião, um quadro do pintor brasileiro, Di Cavalcanti, levou uma série de facadas; uma escultura do artista brasileiro Alfredo Ceschiatti foi pichada; outra escultura, do brasileiro Bruno Giorgi, teve pedaços arrancados; e outra, da artista brasileira Sonia Ebling, recebeu uma série de pauladas. Ainda que o alvo desses ataques terroristas seja a democracia brasileira, eles mostram que os criminosos e criminosas não só desprezam os artistas e as artistas nacionais como também a Arte como um todo – ainda que ela venha da Europa, continente que nós, brasileiros e brasileiras, temos sido ensinados a referendar. Isso fica evidente na danificação de uma escultura do polonês Frans Krajcberg, e na destruição do relógio francês, trazido para o Brasil no início do século XIX (Di Cavalcanti, 2023, sic trecho extraído da carta).

Ao descrever os acontecimentos de Brasília o participante Di Cavalcanti (2023) aponta que o desrespeito e desinteresse pelas obras de arte brasileiras e internacionais indicam como a população brasileira pensa sobre a arte. A escrita (auto)biográfica na Carta Pedagógica do participante, sugere, que ao escolher “Di Cavalcanti” como nome fictício, venha ser essa a maneira como ele, sendo um pesquisador e professor universitário se sente diante do descaso ocorrido, como se ele tivesse sido apunhalado e renegado socialmente, bem como o quadro do pintor brasileiro, que segundo ele, levou uma série de facadas³.

Barbosa (2008) tece uma crítica ao currículo da Educação Básica, e considera, assim como John Dewey, que a teoria precisa ser associada a prática, é imprescindível que a escola deixe de ignorar e ficar indiferente aos interesses e a cultura do povo. Para a

³Em 8 de janeiro de 2023, as sedes dos Três Poderes, em Brasília, foram invadidas e depredadas por manifestantes radicais inconformados com o resultado das eleições presidenciais de 2022. O episódio ficou conhecido como os ataques de 8 de janeiro e atingiu o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, causando destruição de móveis históricos e danos a importantes obras de arte, incluindo a tela “As Mulatas”, de Di Cavalcanti, além de esculturas e peças históricas do patrimônio nacional.

autora, é importante respeitar os “[...] valores artísticos que os estudantes têm e trazem para escola” (Barbosa, p. 170). Não se deve colocar toda a culpa da falta de interesse pela arte em uma única condição, e nem é isso que os/as teóricos/as estudados/as até aqui defendem, no entanto os/as jovens e adultos de hoje, foram os/as estudantes que passaram pela escola, e por algum motivo ou série de motivos não alcançaram um conhecimento suficiente para aproximá-los/as da arte.

Com que frequência os municípios realizam passeios e viagens para que as professoras tenham, para além de ensinar sobre Arte, condições de aprender sobre Arte? Há projetos municipais para que os e as artistas da própria cidade frequentem escolas e Centros de Educação Infantil e compartilhem suas produções com alunos, alunas, crianças e docentes? (Di Cavalcanti, 2023, sic trecho extraído da carta).

Contudo, a intenção das propostas municipais, que inclusive se pauta em projetos e leis em vigor, busca incentivar o acesso à cultura e a arte, tanto local, como nacional e internacional, esses lugares precisam fazer parte do cotidiano tanto dos/as professores/as como dos/as alunos/as desde pequenos, para que a arte seja democratizada como um direito social.

Foram essas as considerações que essa seção apresentou até aqui, na qual foram entrelaçados debates sobre os fundamentos teóricos deste artigo, as respostas das Cartas Pedagógicas do professor e da professora que participaram da dissertação de mestrado, juntamente às interlocuções provenientes do pensamento de John Dewey.

Considerações finais

Identificar contribuições sobre arte, experiência e democracia para a Educação Infantil a partir das narrativas (auto)biográficas escritas em Cartas Pedagógicas e das contribuições de John Dewey, foi o objetivo que nos impulsionou a escrita desse artigo, que perpassa temporalidades, e mesmo assim, aborda a arte como um fenômeno atemporal. O pensamento reflexivo de Dewey, abordado em suas pesquisas, foi uma reflexão que transcendeu em seu tempo e espaço histórico. Ao articulá-lo à escrita (auto)biográfica presente nas Cartas Pedagógicas, foi possível compreender, em perspectiva empírica, os processos que envolvem a construção do ensino de arte na Educação Infantil, evidenciando sua permanência nos espaços de ensino.

Apresentar as narrativas escritas em Cartas Pedagógicas de uma, e um participantes da pesquisa, sendo uma professora da Educação Infantil e um professor universitário, contribuiu no entendimento de que a arte ainda precisa avançar em termos de exploração e processos criativos nos espaços da Educação Infantil. Desse modo, ao

observarmos como a arte se manifesta nesses espaços, torna-se possível afirmar sua necessidade no contexto da Educação Infantil.

As crianças, ao terem acesso à arte, ampliam seus repertórios e se deparam com contribuições que as possibilitam explorar vivências, que tanto cognitivamente como socialmente as ajudam em seus desenvolvimentos. O mundo em que as crianças estão nascendo hoje – e no qual elas se encontram inseridas – tem continuamente se transformado. A cada dia, surgem situações e vivências diferentes. O ensino de arte promove a inserção dessas crianças na cultura e na sociedade, coadunando para um olhar crítico e inventivo diante da vida.

Afinal, o ato de “ser” e “estar sendo” tão defendido por Paulo Freire perpassa pelos seres vivos desde o momento do nascimento. A infância também é lugar de “ser”, é lugar de “estar sendo”, momento de desenhar suas grafias nesse “suporte mundo”, ainda que em formas de garatujas. Em seu tempo, a arte reflete a vida e a vida reflete a arte. A arte não se restringe à elite, não é produto de artistas mortos e de outras cidades. A arte também está em nossa cidade, no nosso país, em nosso tempo e em tempo outros. Existem artistas vivos. Nem todos/as os/as educandos/as serão artistas, mas também não se pode deduzir que nenhum/a deles/as possa vir a ser. A docência com crianças não exige que os/as professores/as sejam artistas, mas isso não quer dizer que eles/as não possam articular os processos de ensino, de modo a aproximar as crianças da arte. As instituições da Educação Infantil são habitadas por crianças, distintas infâncias, mas todas elas com direitos e garantias. Logo, é preciso que aqueles/as que podem, de algum modo falar, pronunciem-se a favor delas.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos** / Ana Mae Barbosa. – Belo Horizonte : C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da arte: memória e história**. Ana Mae Barbosa (Org). – São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil** / Ana Mae Barbosa. – 6 Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

DEWEY, John. Cultura e indústria na educação. In: BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil** / Ana Mae Barbosa. – 6 Ed. – São Paulo : Cortez, 2008. p. 23-32.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

PAULA, Regina Ridão Ribeiro de. **Narrativas em cartas pedagógicas sobre o ensino de arte na educação infantil: miragens de um carrossel**. Maringá, PR, 2024. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

PAULA, Regina Ridão Ribeiro de; PAULA, Ercilia Maria Angeli Teixeira de. *Prospecções do ensino de arte na Educação Infantil: currículo, políticas públicas e suas aproximações com as práticas pedagógicas*. **Dialogia**, São Paulo, n. 43, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23787>. Acesso em: 23 jan. 2024.

PEREIRA, Beatriz Patriota. O conceito de artificação como transformação. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, maio - agosto. 2022, pp. 505-528.

WESTBROOK, Robert B. **John Dewey**. Robert B. WESTBROOK; Anísio Teixeira; José Eustáquio Romão; Verone Lane Rodrigues (Org.). – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Notas de autoria

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula é Pós-doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Contato: ematpaula@uem.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6507718848252634>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8619-7558>

Fabiane Freire França é Doutora em Educação Pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é Professora Associada do Departamento de Teoria e Prática da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná e do Mestrado Profissional do Programa de Pós-graduação em Processos e Tecnologias Educacionais em Rede Nacional (ProfEducatec).

Contato: fffranca@uem.br

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/8009677334152001>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9781-9773>

João Paulo Baliscei é Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá, com estudos na Universitat de Barcelona, Espanha. Atualmente é professor no curso de Artes Visuais na UEM. É Coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI, e do Subprojeto Interdisciplinar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID (2025-2026).

Contato: jpbaliscei@uem.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6980650407208999>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8752-244X>

Regina Ridão Ribeiro Conde de Paula é Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Atualmente é professora na rede municipal de Maringá.

Contato: reginaridao@gmail.com

Currículo lattes: <https://lattes.cnpq.br/9337254115191656>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5098-2004>

Agradecimentos

Agradecemos aos/as participantes da pesquisa, que contribuíram com a escrita comprometida das Cartas Pedagógicas.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

PAULA, Regina Ridão Ribeiro de; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; FRANÇA, Fabiane Freire; BALISCEI, João Paulo. Ensino de arte na Educação Infantil: cartas pedagógicas e as teorias de John Dewey. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 17, n. 1 p. 174-190, 2026.

Financiamento

Capes 001 e Fundação Araucária

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

nº 5.710.120.

nº 7.740.221.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 07/03/2026

Aprovado em: 25/05/2026

Publicado em: 10/06/2026

